

OS NOMES NAS SOCIEDADES PARAENSE E FLUMINENSE

Maria Lucia Mexias-Simon (CiFEFiL-USS)

maria.mexias@uss.br

Sonia Maria da Gama Malcher (UFPA)

Beatriz Guimarães da Silva

Carolina Barreto Pereira

Celia Lopes R. de Almeida

Cleide de Oliveira M. Arantes

Dionnas Alexandre Soares

Italo José Geremias Pereira

Lucia Dorotéa Alves Rosa

1. Apresentação

Tratamos, no presente trabalho essencialmente de:

Análise do convencionalismo e naturalismo na linguagem, a partir da visão aristoteliana, à luz da semiótica; nome possivelmente relacionado à personalidade do indivíduo, a um estado espiritual, a uma característica física ou a uma tarefa destinada a seu proprietário, por determinação divina ou da comunidade a que pertence, ou por desejo de seus nomeadores;

Gramática normativa e o conceito de nome próprio; a visão linguístico-semiótica do assunto;

Perda da motivação semântica dos nomes próprios; epítetos e antonomásias como meios de remotivação;

Despersonalização do indivíduo; a não referencialidade; os modismos na escolha do nome próprio.

2. Pressupostos teóricos

Os nomes fazem parte integrante do que se apresenta ao outro. Fazem parte, portanto, da *máscara*. Aderem a seus portadores, confundindo-se, assim, nomes e nomeados, fato nem sempre levado em conta no ato da escolha dos nomes, ao menos em nossa cultura. Procura-se uma suposta eufonia, uma homenagem nem sempre devida e da qual, às vezes, o nomeador se arrepende. Normalmente, carrega-se o nome pela vida inteira, restando o recurso a alcunhas, a-

breviaturas, na tentativa de suavizar um nome não muito agradável. Frequentemente, em vão buscamos encontrar justificativas para escolha de tal ou qual nome, pela grande quantidade de nomes criados pelos genitores, no desejo de originalidade.

Para Saussure, a língua pode ser localizada no ponto em que uma imagem auditiva se associa a um conceito, constituindo o signo linguístico. O significante (imagem auditiva) é constituído de valores baseados na oralidade que determinam mudança de significado.

No caso dos antropônimos, costuma-se ter como certa a preferência pela eufonia, o que tornaria o “nome de pessoa” puro *significante*, possuidor de um referente, uma vez que sempre se “refere” a alguém, verdadeiro ou imaginário.

Para Cassirer, o nome seria uma evolução ou involução de nomes *a posteriori* atribuídos em homenagem, ou por motivação explícita por fatos religiosos, ou características físicas ou comportamentais. Com o afastamento de tais motivações, passou-se a ter maior liberdade, surgindo criações inéditas, ou modismos trazidos pela mídia, resultando em nomes quase únicos, fato cada vez mais generalizado em nossa região. A nossa pesquisa abordou, então, essa presença da diacronia na sincronia, no cruzamento da lingüística com outros ramos do saber.

Os nomes pessoais são, com muita freqüência, considerados como sendo algo mais que casos de convivência social. A escolha do nome para o recém-nascido e o ritual do registro são levados na mais alta conta, em inúmeras sociedades, da antiguidade aos dias de hoje. “Se, antigamente, o nome era uma coisa viva, por estar pleno de significação, são hoje desprovidos de qualquer sentido, podendo, no entanto, tornarem-se instrumento de poder e de coerção. Adquirem vida própria dependendo da herança cultural, social e financeira de quem os têm e impõem-se como meio de força àqueles que, desavisadamente, estorvam a passagem dos indivíduos que nomeiam.” (O-LIVEIRA; MEXIAS-SIMON, 1999)

O problema das relações entre nomes próprios e comuns não é o da relação entre significação e denominação. Significa-se sempre, seja ao outro, ou a si mesmo. Nunca se nomeia, antes, classifica-se o outro, se o nome que lhe é dado é função das características que

possui; ou classifica-se a si próprio, quando, acreditando-se dispensado de seguir uma regra, nomeia-se o outro, livremente, ou seja, em função do gosto e da personalidade de quem nomeia. E, na maior parte das vezes, fazem-se as duas coisas ao mesmo tempo. Cada um revela, através de sua escolha, o caráter de suas preocupações e os limites de seu horizonte.

O nome próprio, pode ser considerado apenas uma sequência fônica, destituída de significado um índice, ou mesmo um pronome com nome comum. Em situações reais, uma sequência com j/o/z/é será tudo que se quiser atribuir: o diretor-da-escola, o-homem-que-passeia-com-o-cachorro, inclusive uma vaga relação com nome tipicamente brasileiro, o pai de Jesus Cristo etc. Acrescentam-se variações que vão de Exmo. Sr. Dr. José Pereira a Zeca, Zezé etc. A cultura permite as associações, a fala permite esses recursos, o j/o/z/é, ao mesmo tempo, pluralizado e polissêmico, unívoco e plurivalente. Na sua utilização ganha, assim, o nome próprio uma concretização, se é que já não a possuía.

A escolha de prenomes vem se mostrando cada vez mais criativa e diversificada, em prejuízo de critérios religiosos, de homenagens e, até mesmo de eufonia. Esse fato demonstra crescente individualismo do brasileiro, e, ao mesmo tempo, uma ilusão de que, adotando-se um nome "americano" o nomeado será transportado, ao menos ideologicamente, ao "american way of life". Revela perda de autoestima nacional, enquanto os nomes tradicionais portugueses são tidos como nomes de "pobres". As combinações são insólitas, reunindo nomes totalmente criados a nomes religiosos, para que não se percam nem a proteção extraterrena, nem o direito à originalidade. Será demonstrado ocorrer esse fenômeno no Norte e no Sul do Brasil.

Para tanto, elaboramos continuação de pesquisa similar, realizada nos anos 2001 a 2002, na região geossocial em que se insere a Universidade Severino Sombra, agora acrescida de dados atuais (listaram-se os prenomes – nomes de batismo- dos nascidos em 1982, 1992 e 2002) colhidos na mencionada região e em Belém do Pará, num trabalho comparativo. Foi feito levantamento em listagem de alunos em estabelecimentos de ensino público e privado das citadas regiões. Esse levantamento foi classificado por ano e por ordem alfabética, levando em conta as variantes ortográficas.

Foram realizadas, também, entrevistas com casais que registraram seus filhos nesses anos, ou com os próprios nomeados, visando a determinar possíveis motivações para a escolha do prenome de seus filhos. Esses informantes foram classificados por faixa salarial e escolaridade, com o objetivo de verificar as diversas tendências nas diversas faixas.

Com a presente pesquisa, pretendeu-se levantar relação dos antropônimos mais frequentes em nossa região e na região da grande Belém do Pará, nas últimas três décadas. Pretendeu-se, também, traçar possível motivação para a escolha dos “nomes de pessoa”, motivações essas que podem ser de caráter familiar, religioso, homenagens a personalidades, ou meros modismos, além da sonoridade agradável.

Mostraremos que ocorreu perda da motivação semântica, na adoção dos nomes, restando quase somente as razões eufônicas ou os modismos, sobretudo de nomes “estrangeiros” além da vontade de “ser diferente”. Levanta-se, aqui, a questão de ser o nome próprio um verdadeiro signo linguístico, ou, com apagamento do significado, ter-se tornado mero som vocal.

Por estar ocorrendo, ao que parece, em todo o país, composições esdrúxulas, fonte de ridicularização e até de constrangimento aos seus portadores, vem a questão: de onde se extraem tais formações e o que fazer para evitá-las. Decorrem, evidentemente, da baixa estima do brasileiro em relação a seu país e sua cultura, fazendo crer que, um nome “estrangeiro” marcará a criança como possível moradora, ao menos na imaginação, de outros países onde a vida será mais fácil. Há, ainda o desejo recente do brasileiro de ser “diferente”, o que também ocorre, por exemplo, nas variadas obras arquitetônicas.

O prenome, portanto, diz muito a respeito do nomeador e do nomeado. Está no nível pragmático da linguagem, embora a seu respeito possam-se traçar considerações semânticas e morfológicas. Alguns autores têm-se dedicado ao estudo etimológico dos prenomes. Cumpre considerá-los, também, como parte de um discurso, até mesmo como uma visão do mundo sociopolítico-religiosa. A presente pesquisa, como já se disse, complemento de anterior, visa a apresentar um aspecto importante da relação da linguagem com seus usuários; importante, pois o nome é o que se diz primeiramente de uma

pessoa, o que primeiro se conhece, logo após a aparência física. Está pegado à pessoa de tal forma que mesmo se acredita em seus poderes mágicos, uma possível fonte de inspiração dos nomeadores. A força dessas citadas fontes de motivação, mais a presença da mídia, é o objetivo da nossa pesquisa.

É, também, nosso objetivo examinar as visões puramente gramaticais em relação aos pronomes, com possível flexão de plural, coletivos, sufixação etc.

3. *Análise dos dados*

1. Belém:

Nomes – 2048
 Pessoas – 3780 – 184%
 Tradicionais – 692 – 34%
 Criativos – 551 – 27%
 Estrangeiros – 638 – 31%
 Sem classificação – 167 - 8%

2. Rio Centro-Sul:

2.1. 1982

Nomes – 620
 Pessoas – 1202 – 193%
 Tradicionais – 421 – 67%
 Criativos – 47 – 8%
 Estrangeiros – 152 – 25%

2.2. 1992

Nomes – 189
 Pessoas – 270 – 142%
 Tradicionais – 110 - 58%
 Criativos – 26 - 14%
 Estrangeiros – 53 - 28%

2.3. 2002

Nomes – 414
 Pessoas – 624 – 150%
 Tradicionais – 265 - 64%
 Criativos – 48 - 12%
 Estrangeiros – - 101 - 24%

4. Conclusão

Os nomes, de maneira geral, ligam os indivíduos a uma classe, que pode ser a do nomeador ou a do nomeado. Permitem assimilar e dissimilar. São generalização e individuação. Para o pensamento mítico, o *eu* de cada pessoa e sua personalidade estão indissolivelmente ligados a seu nome. O nome, aqui, não é um símbolo. Mas faz parte integrante do homem, o duplo de seu corpo e de sua alma. É um signo de identificação, uma dimensão do indivíduo, pois se acredita em seu poder criador e coercitivo. É, também, uma coisa viva, por estar carregado de significação. Mesmo nas culturas ditas mais avançadas, essa relação entre nome e personalidade ainda existe.

Há, por conseguinte, duas situações: o nome é aplicado de acordo com uma regra, independente de escolhas pessoais, ou é livre criação de quem nomeia, segundo um estado de espírito, que pode ser transitório. É preciso, então, que o nome esteja disponível e seja reconhecido como tal pela comunidade a que pertence.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUYSSSENS, E. *Semiologia e comunicação linguística*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- COSERIU, Eugenio. El plural em los nombres propios. In: _____. *Teoría Del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1973.
- CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MATTOSO CÂMARA, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique general*. Génève: s/ed, s/d.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

ANEXOS

- 1. Gráficos dos dados coletados: (em percentagem)*
- 2. Modelo de entrevista realizada com o objetivo de se levantar a motivação na escolha do nome*

1. Gráficos dos dados coletados: (em percentagem)

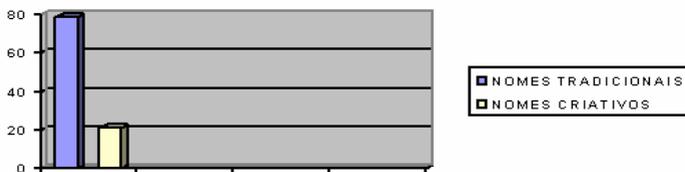
1. Pai com curso fundamental:



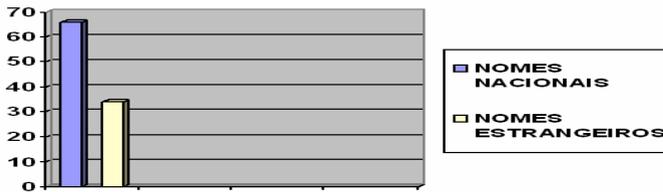
2. Pai com curso médio:



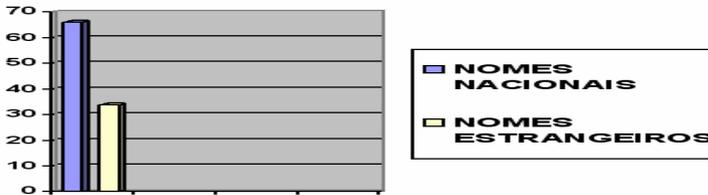
3. Pai com curso superior:



4. Pai com curso fundamental:



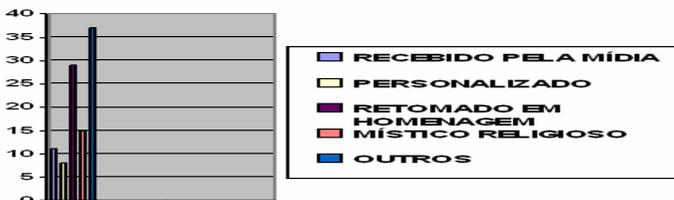
5. Pai com curso médio:



6. Pai com curso superior:



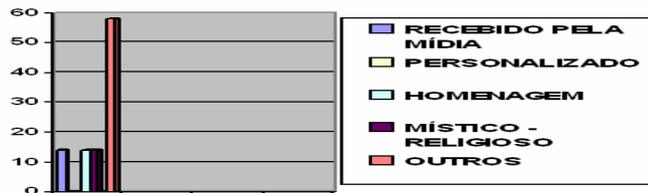
7. Pai com curso fundamental:



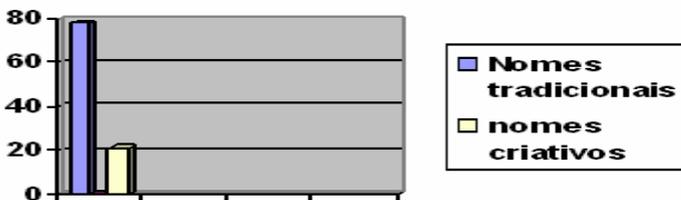
8. Pai com curso médio:



9. Pai com curso superior:



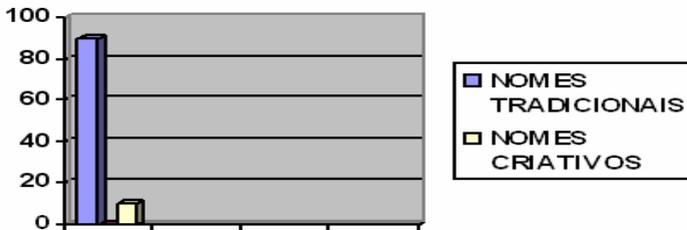
10. Mãe com curso fundamental:



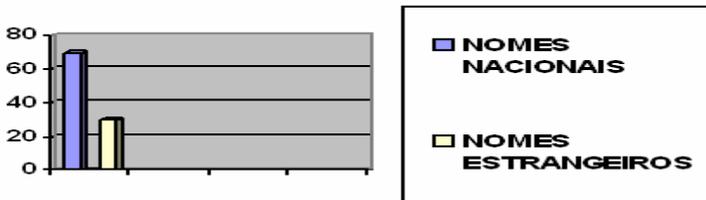
11. Mãe com curso médio:



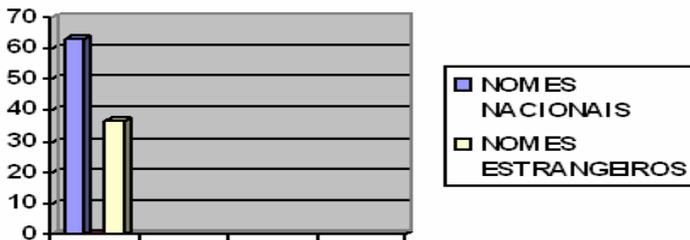
12. Mãe com curso superior:



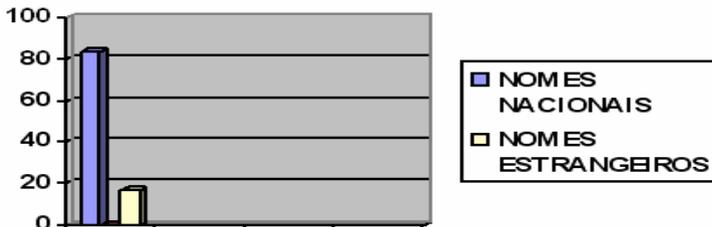
13. Mãe com curso fundamental:



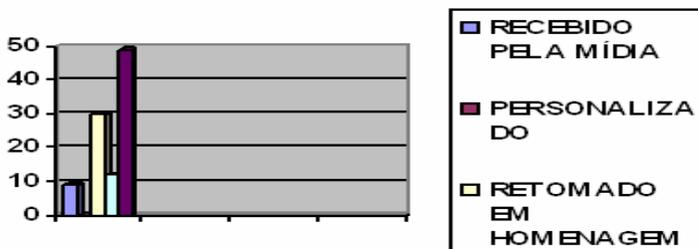
14. Mãe com curso médio:



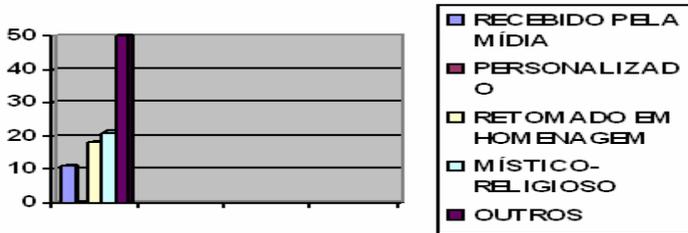
15. Mãe com curso superior:



16. Mãe com curso fundamental:



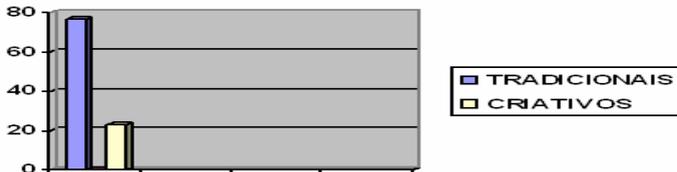
17. Mãe com curso médio:



18. Mãe com curso superior:



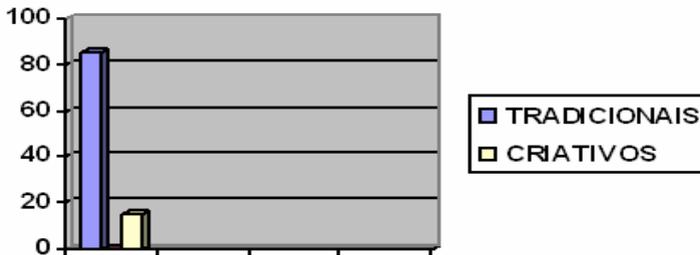
19. Renda familiar de 0 a 999 reais:



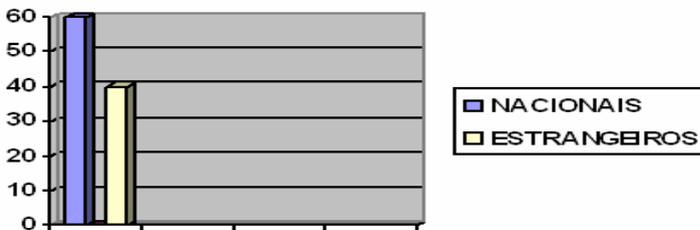
20. De 1000 a 2999 reais:



21. Superior a 3000 reais:



22. Renda familiar de 0 a 999 reais:



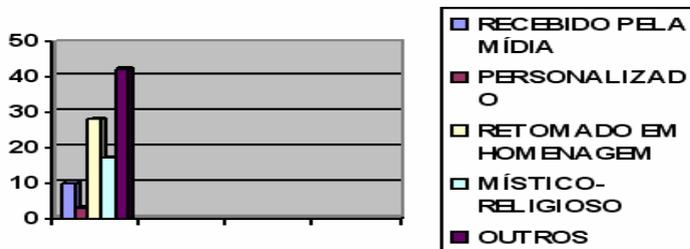
23. De 1000 a 2999 reais:



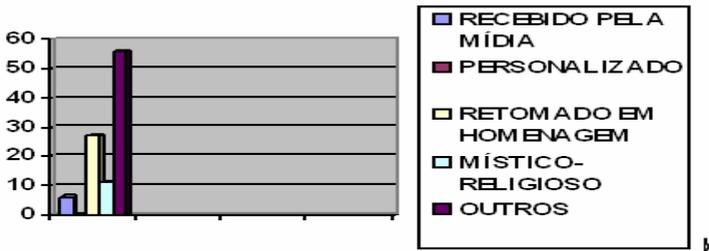
24. Superior a 3000 reais:



25. Renda familiar de 0 a 999 reais:



26. De 1000 a 2999 reais:



27. Superior a 3000 reais:



2. Modelo de entrevista realizada com o objetivo de se levantar a motivação na escolha do nome

Nome (apenas nome de batismo):

.....

1.Nome do informante (completo):

.....

2.Grau de escolaridade do pai do nomeado:

.....

3.Grau de escolaridade da mãe do nomeado:

.....

4.Renda familiar dos pais do nomeado:

.....

5.Razões da escolha do nome:

() porque soa bem

() por motivos religiosos

() por homenagem a parente ou amigo

() por homenagem a vultos históricos, ou pessoa famosa

() pelo significado

Outras:

Autorizo o uso das presentes informações somente em pesquisa acadêmica e nenhum outro fim:

a)